

SABINE BARING-GOULD

RELATOS  
MACABROS



FREE BOOKS

**SABINE BARING-GOLD**

**RELATOS MACABROS**

Tradução de Paulo Soriano



Free Books

2023

# CRÉDITOS

**Título:** Relatos Macabros.

**Autor:** Sebine Baring-Gold (1834 - 1924)

**Tradutor:** Paulo Soriano

**Ilustração da capa e do miolo:** Autor desconhecido  
do séc. XVIII.

**Editora:** Free Books Editora Virtual.

**Ano de Publicação:** 2023.

**Local da publicação:** Salvador/BA.

**© da tradução:** Paulo Soriano, 2023





## SUMÁRIO

CRÉDITOS .....	3
O MAUSLOLÉU DE CORBURG .....	5
O VIOLADOR DE SEPULTURAS.....	17
PIERRE BOURGOT, O LOBISOMEM.....	24
O LOBISOMEM JACQUES ROULET .....	30
O FANTASMA MALIGNO DE SPRAITON	35
O HOMEM-LOBO DA NORUEGA .....	43
O ARQUEIRO E O LOBISOMEM .....	45
O EREMITA DE SAINT BONNOT .....	47

## O MAUSLOLÉU DE CORBURG<sup>1</sup>

Na extremidade leste do jardim da residência ducal de Coburg há um pequeno mausoléu, construído com bom gosto, adornado com temas alegóricos, no qual estão depositados os restos mortais dos duques falecidos. Perto do mausoléu, ergue-se um carvalho imponente, além de bosquedos de rododendros, acácias, teixos e salgueiros-chorões.

Uma plantação de pinheiros jovens esconde o mausoléu do Castelo de Coburg.

Apenas algumas semanas após seu retorno de Bruxelas, onde visitara seu filho, recentemente coroado rei dos Belgas, a duquesa Augusta de Sachsen-Coburg morreu no cas-

---

<sup>1</sup> A presente narrativa é uma versão condensada de "The Coburg Mausoleum", de 1891. Foram feitas breves adaptações pelo tradutor.

telo aos setenta e seis anos<sup>2</sup>, em 16 de novembro de 1831. Uma multidão, atraída pela admiração e amor que a princesa inspirava, saiu em visitaçãõ a seu corpo, tal como estava na residência de Coburg, antes do funeral, que ocorreu no dia 19, antes do raiar do dia, à luz de tochas.

O funeral contou com a presença de homens e mulheres de todas as classes, ansiosos paor expressar seu carinho à falecida e respeito pela família. Muita coisa fabulosa foi dita sobre aquele funeral. Falava-se e acreditava-se que a duquesa viúva tinha sido colocada no mausoléu da família adornada com seus anéis de diamante e colares valiosíssimos.

Entre os que estiveram presentes no funeral da duquesa Augusta havia um bávaro, chamado Andreas Stubenrauch, um artesão, então residente em Coburg. Era filho de um

---

<sup>2</sup> Na verdade, aos 74 anos. Augusta era avó materna da rainha Vitória do Reino Unido e mãe de Leopoldo I da Bélgica.

armeiro, que seguiu a profissão do pai e se estabeleceu em Coburg como chaveiro. Era ele um homem peculiarmente feio, de sobrancelhas largas e caídas, cabelos castanho-escuros eriçados, sobrancelhas grossas e ocelos cinzentos e astutos. Seu nariz era achatado, muito largo, com narinas enormes; sua pele era pálida; tinha uma boca grande e o lábio inferior caído. Sua baixa estatura, sua falta de proporção na constituição corporal e suas feições incomuns davam-lhe a aparência de um homem estúpido. Mas, embora não fosse inteligente, não era de forma alguma um tolo. Seu caráter estava de acordo com sua aparência. Ele era um homem taciturno, maldoso e dissoluto.

Stubenrauch fazia parte da multidão que passou pelo leito em que repousava o corpo da duquesa. Ao transitar, lançou olhares cobiçosos às joias que adornavam a falecida. Também compareceu ao funeral e chegou à conclusão de que a duquesa fora sepultada com todos os artigos preciosos que a guarneciam, conforme expostos à vista de todos, e com

muitas outras joias, colocados com ela no caixão, conforme diziam os burburinhos populares.

O pensamento de todo esse desperdício de riqueza aferrou-se à sua mente, e Stubenrauch resolveu entrar no mausoléu para furtar o cadáver. A posição da cripta adequava-se a seus planos, pois era muito afastada e escondida do palácio, e ele pouco se importava com fechaduras e grades, que provavelmente seriam obstáculo de pouca monta para um chaveiro talentoso.

Para executar o seu plano, decidiu-se pela noite de 18 a 19 de agosto de 1832. Naquela noite, bebeu numa taverna vulgar até as dez horas. De lá, voltou aos seus aposentos, onde coletou as ferramentas que reputava úteis à façanha, uma vela, pederneira e aço. Então, dirigiu-se ao mausoléu.

Em primeiro lugar, achou necessário escalar um muro de tábuas que circundava a parte do terreno onde ficava o mausoléu. Depois, quando se postou diante do edifício, des-



cobriu que, para efetuar uma entrada, seria mais difícil e demorado do que imaginara.

O mausoléu era fechado por um portão de ferro, formado por fortes barras de 2,5 metros de altura que, guarnecidas de pontas afiadas, irradiavam de um centro em forma de semicírculo. Stubenrauch considerou que seria impossível abrir a fechadura e, portanto, seria obrigado a pular o portão, independentemente do perigo de ferir-se nas hastes pontiagudas. Havia apenas um pequeno espaço entre as pontas e o arco da entrada, mas, através dele, ele conseguiu se esgueirar e, assim, chegar, sem se machucar, ao interior do edifício.

Encontrou uma porta dupla, robusta, de carvalho, no vão que dava acesso à cripta. As duas folhas eram tão exata e estreitamente encaixadas uma na outra que ele encontrou a maior dificuldade para colocar uma ferramenta entre elas. Tentou, em vão, introduzir as suas chaves falsas na fechadura e, por muito tempo, seus esforços para abri-la com uma alavanca foram igualmente inúteis. Por

fim, por meio de uma cunha, ele conseguiu abrir um caminho através da junção das portas, na qual poderia inserir uma barra, e, então, puxou uma das folhas com toda força, jogando seu peso sobre a alavanca. Levou uma hora inteira antes que pudesse arrombar a porta. A meia-noite soou quando a porta, rangendo nas dobradiças, foi jogada para trás. Mas, agora, uma nova e inesperada dificuldade se apresentou. Não havia lance de escada descendo para a cripta, como ele havia previsto.

Mas Stubenrauch não era homem para se amesquinhar com as dificuldades. Escalou de volta os portões de ferro para a área livre e procurou uma vara longa e robusta com a qual poderia sondar as profundezas, a fim de saber que medidas tomar para descer. Correndo ao pomar ducal, ele amarrou e arrastou um galho partido de uma árvore frutífera até o mausoléu e, com considerável dificuldade, conseguiu passar pelo portal, que ele novamente superou com cautela e sem se ferir.

Então, inclinando-se sobre a abertura, segurando o galho com as duas mãos, esforçou-se em sentir a profundidade da cripta. Contudo, ao fazê-lo, perdeu o equilíbrio e o peso do galho o arrastou para baixo. Ele caiu entre dois caixões, cerca de quatro metros abaixo do piso da câmara superior. Lá, ele ficou algum tempo inconsciente, atordoado com a queda. Quando voltou a si, sentou-se, tateou com as mãos para verificar onde estava e meditou sobre o que deveria fazer em seguida.

Sem pensar em como sairia daquela situação, pois, sem dúvida, dela se safaria, conhecedor que era da própria agilidade e aptidão para engendrar novos expedientes, pôs-se a trabalhar para cumprir seu desiderato. Com compostura, Stubenrauch fez lume e acendeu a vela. Feito isso, examinou o interior da cripta e os caixões que lá havia, para selecionar o correto. Os da duquesa Augusta e de seu marido, o falecido duque, eram muito parecidos, tanto que o rufião teve alguma dificuldade em decidir qual era mesmo o certo. Ele escolheu, no entanto, corretamente, o que lhe parecia mais

novo e arrancou a capa preta. Embaixo dela, encontrou o ataúde muito sólido, fechado por duas fechaduras, que estavam tão enferrujadas que suas ferramentas não giravam sobre elas. Agora, ele não tinha consigo a barra de ferro e outros instrumentos, que ficaram na câmara superior. Com grande dificuldade, ele finalmente conseguiu quebrar uma das dobradiças e, então, logrou romper a fechadura inferior, porquanto a de cima resistira a todos os seus esforços. No entanto, a dobradiça e a fechadura quebradas permitiram que ele levantasse a tampa o suficiente para vislumbrar o interior do féretro. Pretendia inserir a mão e remover todas as joias que, supunha, faziam companhia à senhora morta. Para sua grande decepção, ele não viu nada, exceto os restos mortais da duquesa, cobertos por um bolor branco cintilante, que lhe parecia fosforescente. O corpo estava em veludo negro e as mãos — brancas e luminosas — cruzadas sobre o peito. Stubenrauch não era homem para sentir respeito pelos mortos ou medo de qualquer coisa sobrenatural. Com as duas

mãos, ele sustentava a pesada tampa do caixão, enquanto olhava para dentro, e a necessidade de usá-las para suportar o peso evitou que sua mão profana tocasse os restos mortais de uma princesa augusta e piedosa. De fato, Stubenrauch tentou mais de uma vez segurar a tampa com uma das mãos, para, com a outra, apalpar os tesouros que imaginava ali escondidos, mas, no instante em que ele removeu uma das mãos, a tampa desabou.

Frustrado em suas expectativas, Stubenrauch recolocou a tampa e começou a pensar em como poderia escapar dali. Mas, agora — e apenas agora —, ele descobriu que não lhe era possível sair da cripta em que havia caído. O galho em que ele depositava sua confiança era muito curto para alcançar a abertura acima. Todos os esforços despendidos por Stubenrauch para escapar foram em vão. Ele foi pego em uma armadilha — e que armadilha! Nêmesis caiu sobre o rufião de vez, na cena de seu crime, e o condenou a se trair.

Agora, pela primeira vez, um medo mortal apoderou-se dele — como afirmou mais tarde. Sentia medo porque previa a punição dos homens. Não o afligia o simples temor da ira dos espíritos daqueles cujos domínios que ele havia violado. Quando se convenceu de que a fuga era totalmente impossível, ele se submeteu ao inevitável; deitou-se entre os dois caixões e tentou dormir. Mas, como ele mesmo admitiu, não conseguiu dormir profundamente.

Chegou a manhã. Era domingo e havia uma especial festividade em Coburg, pois era o vigésimo quinto aniversário da ascensão do duque, de modo que a cidade estava em grande comoção, e o parque e o palácio também estavam agitados.

Stubenrauch sentou-se e esperou. Alimentava-o a esperança de ouvir alguém se aproximar, alguém que pudesse libertá-lo. Por volta das nove horas da manhã, ouviu passos no cascalho e, imediatamente, começou a gritar por socorro.

A pessoa que se aproximou saiu correndo, alarmada, declarando que ruídos estranhos e sobrenaturais vinham do mausoléu ducal. O guarda foi avisado, mas, a princípio, não acreditou na história. Por fim, uma das sentinelas foi despachada para o local, e ela voltou rapidamente com a notícia de que, certamente, havia um homem na cripta. Ele espiou pela grade da entrada: viu a porta arrombada, um pé-de-cabra e outros utensílios espalhados.

O portão foi aberto e Stubenrauch removido em meio a uma multidão furiosa e espectadores consternados. Foi conduzido à prisão, julgado e condenado a dezoito meses de trabalhos forçados.

Esse não é o fim da história. Após sua soltura, Stubenrauch nunca se apegou a um trabalho regular. Em 1836, ele foi preso por roubo e, novamente, sob a mesma acusação, em 1844. No ano de 1854, ele foi encontrado morto num pequeno bosque perto de sua casa. Entre os dedos da mão direita havia uma pitada de rapé e, na mão esquerda, uma pistola

com a qual ele havia estourado os miolos. Em seus bolsos foram encontrados uma bolsa e uma garrafa de conhaque, ambas vazias.



## O VIOLADOR DE SEPULTURAS

No outono de 1848, vários cemitérios na vizinhança de Paris foram alvo de invasões noturnas e túmulos foram profanados. Aquilo não era façanha de estudantes de medicina, pois os corpos não haviam sido levados, senão deixados ali mesmo, espalhados sobre os túmulos fragmentados.

A princípio, supôs-se que essas ações ultrajantes eram obra de algum animal selvagem, mas pegadas na terra macia não deixavam dúvidas de que um homem fizera aquilo. Redobrou-se a vigilância no cemitério do Père la Chaise; mas, depois que alguns cadáveres foram mutilados ali, as violações cessaram.

No inverno, outro cemitério foi vilipendiado e somente em março de 1849 uma *spiring*

*gun*<sup>3</sup>, que havia sido armada no cemitério de Monteparnasse, disparou durante a noite, avisando os vigias que o misterioso visitante havia caído na armadilha. Correram ao local para vislumbrar apenas uma sombria silhueta, envolta numa capa militar, escalar o muro e desaparecer na escuridão. Marcas de sangue, no entanto, evidenciavam que ele havia sido atingido pela arma quando esta disparou. Entrementes, encontraram um fragmento de pano azul, arrancado da capa, que forneceu uma pista para a identificação do violador de sepulturas.

No dia seguinte, a polícia foi de quartel em quartel, perguntando se havia algum soldado ou policial ferido por arma de fogo. Dessa forma, eles chegaram ao culpado.

---

<sup>3</sup> Armadilha consistente em uma corda conectada ao gatilho de uma arma de fogo. Sempre que alguém, inadvertidamente, tropeça na corda, a arma dispara.

Era um oficial subalterno do 1º Regimento de Infantaria chamado Bertrand<sup>4</sup>.

Levaram o oficial ao hospital para ser tratado de seu ferimento e, ao se recuperar, foi julgado pela corte marcial.

Sua história era esta:

Bertrand estudara no seminário teológico de Langres, até que, aos vinte anos, entrou para o exército. Era um jovem de hábitos retraídos, franco e alegre com os camaradas, a ponto de ser muito querido por eles. Era dotado de delicadeza e requinte femininos, e era sujeito a acessos de depressão e melancolia.

Em fevereiro de 1847, enquanto caminhava com um amigo no campo, chegou a um cemitério, cujo portão estava aberto. No dia anterior, uma mulher havia sido enterrada, mas o sacristão, por conta de uma tempestade,

---

<sup>4</sup> O incidente de François Bertrand (1823 – 1978), conhecido como “o Vampiro de Montparnasse”, inspirou um célebre conto de Guy de Maupassant, “A Tumba”.

que o obrigou a procurar abrigo alhures, não havia coberto, completamente, a sepultura.

Bertrand notou a pá e a picareta ao lado da sepultura e — para usar suas próprias palavras — “a esta visão surgiram-me pensamentos sombrios; uma dor de cabeça violenta assaltou-me e meu coração disparou: eu já não era senhor de mim mesmo”.

Ele conseguiu, com uma desculpa, livrar-se do companheiro e, ao voltar ao cemitério, pegou uma pá e começou a cavar a tumba.

“Logo eu tirei o cadáver da terra e comecei a mexer nele com a pá, mas sem saber ao certo o que fazia. Um trabalhador me viu; então, eu me deitei no chão, até que ele sumisse de vista. Depois, lancei o corpo de volta à sepultura. Saí, banhado em suor frio, para um pequeno bosque, onde repousei por várias horas, apesar da chuva fria que caía, num estado de cansaço absoluto. Quando me levantei, senti os membros como se estivessem quebrados e a mente debilitada. A mesma prostração e sensação se seguiam cada ataque.

“Dois dias depois, voltei ao cemitério e escavei a sepultura com as mãos. Elas sangraram, mas não senti dor alguma. Rasguei o cadáver em pedaços e joguei-o de volta na cova”.

Por quatro meses, não sucumbiu a novos ataques, até que o seu regimento chegou a Paris. Enquanto caminhava, um dia, pelas alamedas obscuras e sombrias do cemitério do Père la Chaise, a mesma sensação o dominou como uma torrente. À noite, escalou o muro e desenterrou uma menina de sete anos. Ele a rompeu ao meio. Poucos dias depois, abriu o túmulo de uma mulher que morrera no parto e estava na sepultura há treze dias. No dia 16 de novembro, desenterrou uma senhora de cinquenta anos e, despedaçando-a, fê-la rolar entre os fragmentos. Repetiu a experiência com outro cadáver no dia 12 de dezembro. Esses são apenas alguns dos numerosos casos de violação de túmulos que Bertrand perpetrara. Foi na noite de 15 de março que a arma, preparada para uma armadilha, o apanhou.

Bertrand declarou em seu julgamento que, enquanto estava no hospital, nenhum desejo sentia de renovar suas tentativas, e que se considerava curado de suas hediondas propensões, pois tinha visto homens morrendo nas camas ao seu redor. Dizia: “Estou são, pois agora tenho medo da morte”.

Os acessos de exaustão que se seguiram a seus acessos são muito notáveis, pois se assemelham precisamente aos que se seguiram às fúrias *berserkir*<sup>5</sup> dos nórdicos e às expedições dos licantropos.

O caso de M. Bertrand é indubitavelmente o mais singular e anômalo: mal tem o caráter de insanidade, e antes parece apontar para uma espécie de possessão diabólica. No início, os acessos afloravam, principalmente, quando ele bebia vinho, mas, depois de um certo tempo, acometiam-no sem que fizesse uso de estimulantes. A maneira como ele mutilava os mortos era diversificada. Alguns, ele

---

<sup>5</sup> Fúria incontrolável que dominava os guerreiros nórdicos antes das batalhas.

cortava com a pá; outros, rasgava e dilacerava com seus dentes e unhas. Às vezes, rasgava a boca até as orelhas; outras vezes, abria os estômagos ou arrancava os membros dos cadáveres. Embora tenha desenterrado os corpos de vários homens, não tinha vontade de mutilá-los, ao passo que se deliciava em dilacerar cadáveres femininos<sup>6</sup>. Bertrand foi condenado a um ano de prisão.

---

<sup>6</sup> Eis um excerto de sua confissão, na qual relata a sua experiência com um cadáver de uma adolescente de 16 anos: “Eu a cobri de beijos e apertei-a violentamente contra o meu coração. Tudo o que se pode desfrutar com uma mulher viva não é nada em comparação com o prazer que com ela experimentei. Depois de deleitar-me por cerca de um quarto de hora, retalhei-lhe o corpo, como sempre, e arranquei as suas entranhas. Então enterrei o cadáver novamente”.

## PIERRE BOURGOT, O LOBISOMEM

Em dezembro de 1521, Boin, o inquisidor-geral da diocese de Besançon, tomou conhecimento de um caso de natureza suficientemente terrível para produzir uma profunda sensação de alarme na vizinhança. Dois homens foram acusados de bruxaria e canibalismo. Seus nomes eram Pierre Bourgot — ou Pierre, o Grande, como o povo o apelidara em razão de sua estatura — e Michel Verdung. Pierre não ficou muito tempo sob julgamento antes de fazer uma confissão completa de seus crimes. Ei-la:

Há cerca de dezenove anos, por ocasião da feira de Ano Novo em Poligny, uma terrível tempestade caíra sobre a região, e, entre outros danos causados pela tormenta, registrara-se a dispersão do rebanho de Pierre.

— Em vão — dissera o prisioneiro — eu trabalhei, acompanhado por outros camponeses, para encontrar as ovelhas e reuni-las. Procurando-as, fui a todos os lugares possíveis.



Foi então que surgiram três cavaleiros negros. O último deles me disse: 'Para onde vai? Parece que tem problemas'.

“Contei a ele o meu infortúnio com o meu rebanho. Disse-me ele que recuperasse meu ânimo e prometeu-me que, doravante, o seu mestre cuidaria e protegeria as minhas reses. A tanto, seria bastante que eu lhe depositasse confiança. Disse-me, ademais, que eu encontraria minha ovelha perdida muito em breve e prometeu me dar algum dinheiro.

“Combinamos de nos encontrar novamente em quatro ou cinco dias. Pouco tempo depois, localizei o meu rebanho reunido. Em meu segundo encontro, soube que o estranho era um servo do Diabo. Renunciei a Deus, à Nossa Senhora e a todos os santos e habitantes do Paraíso. Abdicando do cristianismo, beijei a sua mão esquerda, que era escura e gelada como a de um cadáver. Então caí de joelhos e entreguei minha lealdade a Satanás. Fiquei dois anos a serviço do demônio, e nunca entrei em igreja antes de findar-se a missa.

“Toda a ansiedade que eu sentia, por conta de meu rebanho, foi removida, pois o diabo se comprometeu a protegê-lo e afastar das reses os lobos.

“Esta liberdade nos cuidados com o rebanho, no entanto, fez com que eu começasse a me cansar do serviço do Diabo. Recomecei a frequentar a igreja, até que fui trazido de volta à obediência ao maligno por Michel Verdung. Foi quando renovei o meu pacto, imbuído da esperança de que ganharia muito dinheiro.

“Numa floresta perto de Chastel Charnon, encontramos muitos outros adeptos que eu não conhecia. Dançamos, e cada um deles tinha na mão um círio verde com uma chama azul. Obnubilado pela ilusão de que obteria dinheiro, fui convencido por Michel a agir com a maior celeridade. Para isto, depois de me despir, Michel untou-me com uma pomada; então, julguei-me transformado em lobo. A princípio, fiquei um tanto horrorizado com minhas quatro patas de lobo e com o pelo que me cobria, mas descobri que, doravante, eu podia viajar com a velocidade do vento.

Isto jamais poderia ter acontecido sem a ajuda de nosso poderoso mestre, que estava presente durante nossa excursão, embora eu não haja percebido a sua presença até que recuperei minha forma humana. O mesmo se deu com Michel

“Depois de uma ou duas horas no estado de metamorfose, Michel nos lambuzou novamente e, rápido como um pensamento, recobramos as nossas formas humanas. A pomada nos foi dada por nossos mestres. Moyset deu-me o unguento; Michel o recebeu de seu próprio mestre, Guillemin.”

Pierre declarou que não sentia exaustão após suas excursões, embora o juiz haja, particularmente, indagado se ele sentia aquela prostração após seu esforço incomum, do qual as bruxas, em geral, reclamavam. De fato, o esgotamento resultante de um ataque de lobisomem era tão grande que o licantropo muitas vezes ficava confinado em sua cama por vários dias e a custo conseguia mover as mãos ou os pés.

Em uma de suas corridas, convertido em lobisomem, Pierre caiu sobre um menino de seis ou sete anos, com os dentes, pretendendo rasgá-lo e devorá-lo. O garoto, todavia, gritou tão alto que o licantropo foi obrigado a bater em retirada, em busca de suas roupas, para lambuzar-se novamente, a fim de recuperar sua forma e original e escapar. Ele e Michel, porém, um dia despedaçaram uma mulher, enquanto ela colhia ervilhas; e um senhor de Chusnée, que veio em seu socorro, foi por eles atacado e morto.

Noutra ocasião, eles caíram sobre uma garotinha de quatro anos e a comeram, com exceção de um braço. Michel considerou a carne da garotinha o mais delicioso entre os manjares.

Outra menina foi por eles estrangulada e teve o sangue derramado. De um terço das vítimas, eles comiam apenas uma porção do estômago.

Certa noite, ao entardecer, Pierre saltou o muro de um jardim e se deparou com uma garotinha de nove anos, ocupada na capina dos

canteiros do terreno. De joelhos, a menina implorou a Pierre que a poupasse. Mas este partiu-lhe o pescoço e abandonou o seu cadáver estirado ente as flores do jardim. Noutra ocasião, ele não parecia estar em sua forma de lobo: caiu sobre uma cabra, que encontrou no campo de Pierre Lerugen, e a mordeu na garganta; matou-a, contudo, com uma faca.

Michel transformava-se em lobo ainda vestido, mas Pierre era obrigado a se despir: a metamorfose só se lhe ocorria se estivesse completamente nu. Ele, contudo, não sabia explicar como o seu pelo desaparecia quando recuperava a sua natural condição.

As declarações de Pierre Bourgot foram totalmente corroboradas por Michel Verdung.

## O LOBISOMEM JACQUES ROULET

Em 1598 — um ano memorável nos anais da licantropia — ocorreu um julgamento em Angers, cujos detalhes são terríveis.

Num local selvagem e pouco frequentado, nas proximidades de Caude, alguns camponeses, certo dia, encontraram o cadáver de um garoto de quinze anos horrivelmente mutilado e salpicado de sangue.

Quando os homens se aproximaram do rapazote, dois lobos, que lhe dilaceravam o corpo, fugiram para o matagal. Imediatamente, os homens correram a persegui-los, seguindo seus sangrentos rastros, até perdê-los.

De repente, agachando-se entre os arbustos, batendo os dentes de medo, encontraram um homem seminu. Tinha ele cabelos e barba compridos e as mãos tingidas de sangue. As suas unhas eram longas como garras e estavam cobertas de sangue fresco e fragmentos de carne humana.

Este é um dos casos mais intrigantes e peculiares que chegaram ao nosso conhecimento.

O miserável, cujo nome era Roulet, por sua própria vontade, declarou que havia caído sobre o garoto, estrangulando-o até a morte. Acresceu que havia sido impedido de devorar completamente o cadáver em razão da chegada de homens no local.

Roulet demonstrou que era mendigo sem teto, a viver no mais abjeto estado de pobreza. Seus companheiros de mendicidade eram o seu irmão Jean e o seu primo Julian. Ele havia recebido, por caridade, alojamento numa aldeia vizinha, mas, antes de sua prisão, ele estivera ausente por oito dias.

Diante dos juízes, Roulet reconheceu que lograva transformar-se em lobo por meio de uma pomada que ganhara dos seus pais. Quando interrogado sobre os dois lobos que foram vistos deixando o cadáver, ele disse que sabia perfeitamente quem seriam, pois eram seus companheiros, Jean e Julian, senhores do mesmo dom que o seu. Mostraram-lhe as rou-

pas que usava no dia da captura e ele as reconheceu imediatamente. Descreveu o menino que havia assassinado, deu a data correta do incidente, indicou o local exato onde o ato havia sido perpetrado e reconheceu o pai do menino como o homem que apareceu pela primeira vez, quando os gritos de sua vítima foram ouvidos. Na prisão, Roulet se comportou como um idiota. Quando aprisionado, sua barriga estava distendida e dura; no cárcere, ele bebeu, certa noite, e um balde inteiro de água.

Seus pais, sob investigação, provaram ser pessoas respeitáveis e piedosas, e provaram que seu irmão Jean e seu primo Julian haviam-se casado, à distância, no dia da prisão de Roulet.

— Qual é o seu nome e qual é a sua ocupação? — perguntou Pierre Hérault, o magistrado.

— Meu nome é Jacques Roulet e tenho trinta e cinco anos. Sou pobre e mendicante.

— Qual é a acusação que lhe pesa?



— A de ser um ladrão e de ter ofendido a Deus. Meus pais me deram uma pomada; desconheço sua composição.

— Quando untado com essa pomada, você se torna um lobo?

— Não; mas, apesar de tudo, matei e comi a criança Cornier: então, eu era um lobo.

— Você estava vestido como um lobo?

— Eu estava vestido como estou agora. Tinha as mãos e o rosto ensanguentados, porque havia comido a carne da dita criança.

— Suas mãos e pés se tornam patas de um lobo?

— Sim. Isto mesmo.

— Sua cabeça fica como a de um lobo? Sua boca fica maior do que é?

— Eu não sei como estava minha cabeça na época. Apliquei os meus dentes. Mas a minha cabeça estava como está hoje. Feri e comi muitas outras criancinhas. Eu também estive no *Sabbath*.

O *lieutenant criminel* condenou Roulet à morte. Ele, entretanto, apelou ao Parlamento em Paris. A corte superior decidiu que, como

havia mais loucura no pobre idiota do que malícia e bruxaria, sua sentença de morte deveria ser comutada para dois anos de prisão em um hospício, para que ele pudesse ser instruído no conhecimento de Deus, a quem ele havia esquecido em sua extrema pobreza.

## O FANTASMA MALIGNO DE SPRAITON

“**P**or volta do mês de novembro passado, no bairro de Spraiton, estando um certo Francis Fey (empregado do Sr. Phillip Furze), num campo, perto da casa do seu patrão, apareceu-lhe o espectro de um velho cavalheiro, pai de seu senhor, com uma vara na mão, semelhante àquela que ele, quando vivo, costumava carregar para matar toupeiras.

O jovem, de quem o espectro se aproximou, não ficou nem um pouco surpreso com o surgimento de alguém que ele sabia morto.

O Espectro, ainda assim, disse-lhe que não tivesse medo, senão participasse ao seu senhor que vários legados, deixados em seu testamento, não haviam sido entregues aos beneficiários: dez xelins para um e tanto quanto para o outro, dos quais lhe deu os nomes.

O jovem respondeu que o último legatário mencionado era já falecido e, portanto, não poderia receber a deixa.

A aparição respondeu que sabia da morte de seu legatário. Assim, a deixa deveria ser entregue ao parente mais próximo do falecido, de quem também lhe disse o nome.

O fantasma ordenou, também, que o rapaz levasse vinte xelins a uma senhora, irmã do falecido, que morava em Totness, e prometeu que, se essas coisas fossem feitas, não o incomodaria mais.

Em sequência, o espectro, referindo-se à sua segunda esposa — também falecida —, disse-lhe tratar-se de uma pessoa malévola, embora este escritor a conhecesse e a estimasse como uma boa mulher.

O espectro desapareceu. O jovem fez como ordenado e viu que um dos legados estava devidamente pago. No entanto, havia levado os vinte xelins para a senhora de Totness; mas esta recusou-se terminantemente a recebê-los, acreditando que a deixa lhe tinha sido enviada pelo diabo.

Naquela mesma noite, o jovem, que estava hospedado na casa da irmã de seu antigo senhor, viu o fantasma novamente. O rapaz, então, protestou contra a aparição, lembrando-a da promessa, que fizera, de não mais incomodá-lo. Explicou ao fantasma que a irmã do falecido se recusara a aceitar o dinheiro. Então, o espírito mandou o jovem montar um cavalo, cavalgar até Totnes e comprar um anel no valor de vinte xelins, assegurando-lhe que a dama o receberia.

No dia seguinte, depois de ofertar anel — que foi aceito —, o rapaz voltava, nas imediações de Totnes, para casa de seu amo, acompanhado por uma criada da legatária. Todavia, ao entrar no bairro de Spreyton, um fantasma foi visto montado na garupa de seu cavalo. Aquele espectro lançou os braços compridos à cintura do rapaz e atirou-o da sela ao chão. Testemunharam a queda diversas pessoas na estrada, bem como a empregada de Totnes.

Ao entrar no terreiro da fazenda do Sr. P. Furze, para o espanto de todos, o cavalo deu um salto de cerca de vinte e cinco pés.

Logo depois, um fantasma feminino apareceu na casa, e foi visto pelo mesmo jovem, assim como pela Sra. Thomasine Gidley, Anne Langdon e uma criança. A aparição era capaz de assumir diversas formas: ora aparecia como um cão arrotando fogo, ora saía pela janela em forma de cavalo, quebrando uma vidraça e um pedaço de ferro. Certamente, foi muita generosidade, da parte dela, na forma de um cavalo, causar tão pouco dano! Mas, geralmente, ela caminhava pelo corredor e aparecia nos quartos em sua aparência natural. Não havia dúvida de quem era esse fantasma. O espectro do velho cavalheiro já havia sugerido que sua segunda esposa era uma mulher malévola, e poderia tornar-se bastante desagradável.

Certa feita, mãos invisíveis agarraram o jovem e enfiaram a sua cabeça em um espaço estreito, entre a cabeceira da cama e a parede: foram necessárias várias pessoas para libertá-

lo. Sentindo-se oprimido e amedrontado, o jovem adoeceu tão gravemente que um cirurgião foi chamado para sangrá-lo. Assim que o procedimento foi realizado, as ligaduras em torno do braço foram subitamente puxadas e arrancadas, e cingidas à sua cintura, e com tanta força que o rapaz quase sufocou. Para aliviá-lo, as ligaduras tiveram que ser cortadas a faca. Outras vezes, o seu lenço de pescoço era severamente apertado.

Às vezes, o espectro assumia um humor brincalhão e se punha a arrancar as perucas das cabeças das pessoas. Uma das perucas, que estava em cima de um armário, dentro em uma caixa, com um banquinho sobre ele, foi puxada e rasgada em pedaços — e esta era a mais cara da casa.

Doutra feita, viram que o cadarço do jovem saíra, por conta própria, de seu sapato, e se lançara ao outro lado da sala; então, o outro cadarço começou a rastejar atrás de seu companheiro. Ao ver isto, uma aia puxou o cadarço, que se enrolou tenazmente em torno de sua mão como uma enguia ou serpente.

As roupas do jovem foram tiradas e rasgadas em pedaços, assim como as de outro criado da casa, e isso enquanto eles estavam de costas. Um barril de sal foi visto saindo de uma sala para outra, intocado por mãos humanas. Quando a aparição surgiu à sua própria semelhança, estava vestida com as roupas comuns das mulheres da época, especialmente as usadas pela Sra. Philip Furze, a sua nora.

Na véspera da Páscoa, o jovem estava de volta à cidade quando foi agarrado pelo espectro feminino pelo casaco e carregado pelo ar, com a cabeça, pernas e braços pendurados.

Tendo-se perdido do patrão e companheiros, estes foram à sua procura, mas, somente meia hora depois do incidente, o rapaz foi encontrado, a alguma distância da casa, mergulhado no meio de um pântano, e, em estado de êxtase ou transe, assobiando e cantando. Com grande dificuldade, ele foi tirado dali, levado para a casa e colocado na cama. Toda a parte inferior de seu corpo estava entorpecida pelo frio causado pela longa imer-



são no pântano. Encontraram um dos seus sapatos perto da porta da casa, e outro nos fundos da casa. Acharam a sua peruca pendurada entre os mais altos galhos de uma árvore. Em sua recuperação, ele contou que o espírito o havia arrebatado a uma altura tal que a casa de seu patrão lhe parecia do tamanho de um monte de feno.

Como seus membros permaneciam entorpecidos, ele foi levado para Crediton no sábado seguinte para ser sangrado. Após o procedimento, deixaram-no sozinho; todavia, quando seus companheiros chegaram, encontraram sua testa cortada, inchada e sangrando. Segundo ele, um pássaro, com uma pedra no bico, voou pela janela e acertou a sua testa. A sala foi revistada; nenhuma pedra foi encontrada no chão, senão um peso de latão.

Este é um relato fiel do conteúdo de uma carta de um respeitável morador de Devon, datada de 2 de maio de 1683. O jovem terá 21 anos se viver até agosto próximo.”

O título deste curioso panfleto é: "A Narrativa do Demônio de Spraiton".

## O HOMEM-LOBO DA NORUEGA

Na Noruega acredita-se que existem pessoas que podem assumir a forma de um lobo ou de um urso (*Huse-björn*), e novamente retomar à forma anterior. Esta propriedade é-lhes conferida pelos Trollmen, ou seja, aqueles que a possuem são os próprios *Trolls*.

Num vilarejo situado no meio de uma floresta, morava um aldeão, chamado Lasse, e sua esposa.

Certo dia, o aldeão entrou na floresta para derrubar uma árvore, mas se esqueceu de fazer o sinal da cruz e rezar o Pai-Nosso. Aproveitando-se disto, algum *troll* ou bruxa-lobo (*varga mor*) exerceu o poder sobre ele, transformando-o em lobo.

A esposa chorou a sua perda por muitos anos, mas, numa noite de Natal, chegou-lhe à porta uma mendiga muito pobre e andrajosa. A boa mulher a acolheu em sua casa, alimentou-a bem e a tratou com gentileza.

Ao partir, a mendiga disse que provavelmente a esposa voltaria a ver o marido, pois

ele não estava morto, senão vagava na floresta sob a forma de um lobo.

À noitinha, a esposa foi à despensa guardar um pedaço de carne para o dia seguinte. Todavia, ao se virar para sair, deu-se conta de que um lobo, com as patas traseiras apoiadas nos degraus da despensa, erguia-se à sua frente, lançando-lhe um olhar faminto e desolado.

Ao vê-lo, exclamou:

—Se eu tivesse certeza de que você era mesmo o meu Lasse, eu lhe daria um pouco de carne.

Naquele instante, a pele de lobo caiu. E era o seu próprio marido quem se apresentava diante dela, com as mesmas roupas que usava na fatídica manhã em que o vira pela última vez.

## O ARQUEIRO E O LOBISOMEM

Conta-se na Holanda a seguinte história:

Certa feita, um homem saíra, munido de arco e flecha, para assistir a um torneio de tiro ao alvo.

Já estava a meio caminho quando viu, de repente, um grande lobo sair da floresta e correr em direção a uma jovem que, sentada num prado, à beira da estrada, observava as vacas.

O homem não hesitou. Num rápido gesto, puxou uma flecha, fez pontaria e, por sorte, acertou o lobo no lado direito, de modo que a flecha permaneceu grudada na ferida, e o animal fugiu, uivando, para o bosque.

No dia seguinte, ele ouviu dizer que um servo da casa do burgomestre estava à beira da morte: no dia anterior, havia sido atingido por uma flecha flanco direito.

Isto tanto excitou a curiosidade do arqueiro que ele foi até o homem ferido e pediu para ver a flecha. Reconheceu imediatamente que aquela era uma das suas. Então, tendo so-

licitado a todos os presentes que deixassem a sala, convenceu o homem a confessar que era um lobisomem e que havia devorado crianças.

No dia seguinte, o servo morreu.

## O EREMITA DE SAINT BONNOT

Num recanto remoto, próximo ao Amanges, meio envolto nas árvores, havia um pequeno casebre da mais rústica construção: o telhado era de turfa e as paredes tismadas de líquen. Tinha o jardim devastado, assim como a cerca que o cingia. Como a cabana muito distava de qualquer estrada, e só se chegava a ela por um caminho que cruzava as charnecas e as florestas, raramente era visitada, e o casal que a habitava não era nada inclinado a fazer novo amigos.

O homem, Gilles Garnier, era um sujeito sombrio e de mórbida aparência, que caminhava numa postura curvada, e cujo rosto pálido, tez lívida e olhos fundos, recuados sob um par de sobrancelhas espessas, que se uniam na testa, eram bastantes a repelir quem quer que o procurasse. Gilles raramente falava e, quando o fazia, era no mais rude dialeto de sua região. Sua longa barba gris e seus hábitos reclusos lhe renderam o nome de *Eremita de St.*

*Bonnot*, embora não houvesse quem lhe atribuísse qualquer porção extraordinária de santidade.

Ninguém jamais suspeitara do Eremita até que, certa feita, os gritos de uma criança e o uivo profundo de um lobo atraíram a atenção de alguns camponeses de Chastenoy que, caminhando pela floresta, retornavam do trabalho.

Quando correram na direção de onde vinham os gritos, encontraram uma garotinha a se defender de uma criatura monstruosa, que a atacava com unhas e dentes, e já a havia ferido gravemente em cinco lugares.

Assim que os camponeses chegaram, a criatura fugiu de quatro, correndo para a escuridão do matagal. Lá se fazia tão escuro que não era possível distinguir o que seria aquela fera. Enquanto alguns afirmavam que a criatura era um lobo, outros pensavam ter reconhecido em suas feições o rosto do eremita. Isto aconteceu no dia 8 de novembro.

No dia 14, um menino de dez anos de idade, que havia sido visto pela última vez a



uma curta distância dos portões de Dole, desapareceu.

Então, o eremita de S. Bonnot foi preso e levado a julgamento em Dole. Foi quando as seguintes evidências — corroboradas, em muitos detalhes, por testemunhas — foram obtidas dele e de sua esposa.

No último dia Festa de São Miguel, sob a forma de um lobo, a uma milha de Dole, na fazenda de Gorge, um vinhedo pertencente a Chastenoy, perto da floresta de La Serre, Gilles Gamier atacou uma pequena donzela, de dez ou doze anos de idade, e a matou com seus dentes e garras. Ele a atraía para o bosque, onde a despiu, roeu a carne de suas pernas e braços, e tanto apreciou aquela refeição que, inspirado pelo afeto conjugal, levou um pouco da carne para a sua esposa Apolline.

Oito dias após a festa de Todos os Santos, novamente na forma de lobisomem, ele capturou outra garota, perto da campina de La Pouppe, no território de Athume e Chastenoy, e já estava a ponto de matá-la e de-

vorá-la, quando três pessoas surgiram, e ele foi obrigado a fugir.

No décimo quarto dia depois de Todos os Santos, também convertido lobo, ele atacou um menino de dez anos, a uma milha de Dole, entre Gredisans e Menoté, e o estrangulou. Naquela ocasião, ele comera toda a carne das pernas e braços do garoto e, também, lhe devorara grande parte do ventre. Com suas presas, havia arrancado do tronco, completamente, uma das pernas do garoto.

Na sexta-feira antes da última festa de São Bartolomeu, ele agarrou um menino de doze ou treze anos, sob uma grande pereira, perto da mata da aldeia Perrouze, e, arrastando-o para o bosque, o matou, com a intenção de comê-lo, como o fizera a outras crianças. A aproximação de uns homens, contudo, o impediu de realizar o seu intento. No entanto, o menino já estava morto há algum tempo, e os homens, que o surpreenderam, declararam que a aparência de Gilles era a de um homem, não a de um lobo.

O eremita de Saint Bonnot foi condenado a ser arrastado para o local da execução pública, e aí ser queimado vivo. A sentença foi rigorosamente executada.

Neste caso, o pobre maníaco acreditava plenamente que a transformação em verdadeiro lobo de fato ocorria; ele parecia perfeitamente racional em outros aspectos, e bastante consciente dos crimes que havia cometido.





## *Free Books*

<http://www.freebookseditora.com/>

---

Na composição deste livro, empregaram-se as fontes Palatino  
Lynotype e Brush Script MT, Medieval Daze e AgsanalUPC.

---